

DÍVIDA - EXTERNA

Apoio do FMI ao Brasil no Clube de Paris

11 DEZ 1986

GAZETA MERCANTIL

por Paulo Sotero
de Nova York

A reunião de aproximadamente cinco horas que a diretoria do Fundo Monetário Internacional (FMI) realizou ontem em Washington para discutir o relatório da missão anual da instituição, que visitou o Brasil em agosto passado, teve "um resultado positivo", disse uma fonte bem situada.

Segundo esta fonte e outras informações preliminares captadas ontem por este jornal, as intervenções dos diretores tiveram um tom geralmente favorável, enfatizando os esforços de ajustamento da economia feitos até agora pelo governo brasileiro.

"Ninguém destoou", disse uma fonte. Além do relatório, a diretoria avaliou também um memorando adicional sobre o pacote de medidas de austeridade anunciado logo depois das eleições.

Com base no resultado da reunião, o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, que se mostrara favoravelmente disposto a

apoiar o País, em conversas que teve num coquetel que ofereceu na noite da terça-feira, para apresentar suas despedidas ao mundo oficial da capital americana, deverá enviar imediatamente ao secretário do Clube de Paris "um extenso telex ou carta", recomendando a aceitação do pedido de renegociação da dívida oficial.

Antecipando o possível conteúdo da mensagem, o vice-presidente do Eximbank, William Ryan, disse ontem, num discurso que fez em Nova York a um grupo de executivos brasileiros, que Larosière poderia informar o Clube de Paris, por exemplo, "que a consulta anual mostrou que o Brasil fez praticamente tudo o que tinha a fazer para estar em conformidade com um esquema muito, muito fróxido de vigilância". Ryan observou, contudo, que "este é um caso novo", porque normalmente o Clube de Paris só aceita renegociar a dívida oficial de países que fazem um acordo com o FMI ou, alternativamente, aceitam um esquema de vigilância formal.

Embora haja indicações de que os governos dos países industrializados, inclusive os dos EUA, estejam dispostos a aceitar a declaração de Larosière como base para renegociar a dívida brasileira, fontes oficiais consultadas, bem como o próprio Ryan, evitaram comentar a posição que os EUA adotariam na reunião do Clube de Paris, programada para a próxima quarta-feira.

Fontes bem situadas disseram que o tom da reunião foi determinado de forma decisiva por uma declaração que o diretor do Brasil no FMI, Alexandre Kafka, fez no início da reunião. Pelas informações disponíveis, Kafka indicou aos demais diretores do FMI que o Brasil, embora não deseje manter suas relações formais com o FMI nos limites da consulta anual, preservará uma posição de flexibilidade para manter contatos com o FMI, como qualquer outro país-membro, sempre que as circunstâncias o justificarem.

Essa flexibilidade, sugeriram as fontes, poderá manifestar-se na forma como forem programadas as visitas da missão anual. A última foi feita em agosto do ano passado. A próxima não precisaria esperar necessariamente até agosto de 1987. E fatos de grande relevância, como a adoção de novas políticas, pode-

riam, eventualmente, justificar a intensificação de contatos.

A aprovação do relatório sobre a economia brasileira, efetivada ontem pela diretoria do FMI, foi saudada pelo presidente do Banco Central, Fernão Bracher, como um ato que consolida o esforço que o governo brasileiro vem desenvolvendo na busca do acordo externo com bancos e governos credores.

"Isto demonstra que não estamos errados", disse ele ontem, à noite, à editora Maria Clara R. M. do Prado, acrescentando que a apreciação positiva da política econômica brasileira é significativa na medida em que o FMI é um dos mais importantes órgãos das finanças internacionais. Bracher foi informado da decisão do FMI através de um telefonema do representante do Brasil naquele organismo, Alexandre Kafka, que também informou o ministro da Fazenda, Dilson Funaro.